

---

---

**DOSSIÊ**  
**TEOLOGIA CRISTÃ, FILOSOFIA E CULTURA EM DIÁLOGO**

---

---





**LIBERDADE PARA OBEDECER.  
UMA ESPIADELA NAS INFLUÊNCIAS TEOLÓGICAS DE JOHN  
MILTON EM *PARAÍSO PERDIDO*<sup>1</sup>**

*Freedom to obey. A sneak peek at John Milton's theological influences on  
Paradise Lost*

Viviane Brunhilde Jung<sup>2</sup>

**RESUMO**

Este artigo é o resumo de uma monografia apresentada aos professores de Literatura Inglesa da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Seu objetivo é analisar as questões do mal, do livre-arbítrio e da predestinação em *Paradise Lost* de John Milton sob a luz da Teologia, mais especificamente a compreensão de Agostinho e dos Reformadores Lutero e Calvino sobre os assuntos. A questão principal do estudo é até que ponto Milton estava ligado às correntes teológicas de seu tempo ou desenvolveu uma teologia de sua autoria. Leva-se em consideração o contexto político, dado o impacto que o mesmo teve na vida e no trabalho de Milton, especialmente durante a Guerra Civil Inglesa e nos anos seguintes. Há uma breve apresentação do autor e de seu poema, seguido da análise de alguns trechos

---

<sup>1</sup> Artigo recebido em 10 de maio de 2019, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 16 de agosto de 2019, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Viviane Jung é Bacharel em Teologia pelo Centro de Ensino Teológico (CETEOL, hoje FLT – Faculdade Luterana de Teologia) e pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST, certificado de integralização do curso livre), com pós-graduação *lato sensu* em Psicologia e Aconselhamento Pastoral, também pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST). Bacharel em Letras e Literatura Português-Ingês pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com pós-graduação *lato sensu* em Ensino da Língua Inglesa pela Universidade Estácio. Atualmente professora de Língua Inglesa na rede municipal de Canoas (RS). E-mail: vi.jung@uol.com.br.

especificamente relacionados aos temas mencionados.

**Palavras-chave:** John Milton. Liberdade. Livre arbítrio. Predestinação. Queda.

### **ABSTRACT**

*This article is the summary of a monograph submitted to the English Literature professors at UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). It aims to analyse the matters of evil, free will and predestination in John Milton's Paradise Lost under the light of Theology, more specifically Augustine's understanding of the matters, as well as the Reformers Luther's and Calvin's. The leading question throughout the study is to what extent Milton was tied to the theological streams of his time or else, developed a theology of his own. The political context is taken into account, given the impact it had on Milton's life and work, especially during the English Civil War and the following few years. There is a short introduction of the author and his poem, followed by the analysis of some passages specifically related to the topics mentioned.*

*Key words:* John Milton. Freedom. Free will. Predestination. Fall.

## **1 INTRODUÇÃO**

“Justificar o proceder do Eterno [...] aos homens”<sup>3</sup>. Esta foi a principal razão que John Milton audaciosamente apresentou para sua obra já nos primeiros versos de *Paraíso Perdido*, a obra que pôs seu nome de uma vez por todas entre os grandes autores da Literatura Inglesa.

John Milton nasceu em Londres, no dia 9 de dezembro de 1608. Estudou na St. Paul's School e formou-se em 1632 no Christ's College, em Cambridge. Dois de seus poemas mais famosos são desta época: *L'Allegro* e *Il Penseroso*. Não muito depois, escreveu *Camus*, uma espécie de peça teatral que foi apresentada pela primeira vez em 1634, na qual já apresentou os elementos que mais tarde comporiam *Paraíso Perdido*: o conflito entre o bem e o mal e a liberdade que o sujeito tem de escolher entre um e outro.

Milton escreveu vários poemas durante sua vida de estudante. Embora seus estudos o preparassem para a vida clerical, seu coração acabou por levá-lo

---

<sup>3</sup> MILTON, John. **Paraíso Perdido**. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 23. Como a obra é poética e está contida em capítulos chamados “Cantos”, além de citar a página em que as citações se encontram na tradução de Antônio José Lima Leitão, citarei também o Canto e as linhas em que tal trecho se encontra na obra original de Milton, da seguinte forma: *PL* (para *Paradise Lost*), *número do Canto*, *número das linhas*, como neste caso, *PL I.26*).

a interromper seus estudos religiosos para dedicar-se à carreira de poeta, o que não o impediu de continuar se ocupando de questões teológicas. Na verdade, ele foi defensor das crenças e causas políticas dos Puritanos, dedicando seu talento de escritor para defender a liberdade pela qual eles lutavam durante o período da Guerra Civil Inglesa. Abraçou a causa política por dezenove anos (1641-1660). Durante esse tempo, apoiou a execução do rei Carlos I, defendeu o direito ao divórcio e escreveu em defesa da liberdade de informação, contra a censura. Trabalhou como Secretário de Línguas Estrangeiras no governo de Oliver Cromwell. Quando a monarquia foi restaurada, ele foi preso. Mais tarde, mesmo tendo recuperado sua liberdade, foi condenado ao ostracismo, morrendo cego, pobre e esquecido em 1674.

Foi nesse período de solidão que John Milton escreveu os versos livres dos doze Cantos de Paraíso Perdido. Nessa época a cegueira que desenvolvera gradualmente desde seus tempos de militância política era completa. Entretanto, seus olhos interiores lhe traziam as prodigiosas visões de um universo assombroso que ele reproduziria com palavras. Ditou seu trabalho a secretárias, provavelmente suas próprias filhas, verso a verso. A obra toda foi editada pela primeira vez em 1667<sup>4</sup>.

Milton viveu no tempo da efervescência da Reforma Protestante na Europa. Como escritor, viu-se no dever de trazer ao público suas ideias políticas, mas também sentiu a necessidade de defender a bondade de Deus num mundo tão conturbado e calamitoso. Aliada a isso estava sua ambição de escrever um grande poema épico, o que aspirava desde sua juventude. Entretanto, se o jovem Milton sonhava com um épico a respeito das lendas arturianas, ou algo que glorificasse a grandeza da Inglaterra<sup>5</sup>, o Milton maduro, politicamente desiludido e sofrido preferiu ir além: trazer para o gênero literário dos grandes gênios como Homero, Virgílio e Dante, a maior controvérsia de todos os tempos: a luta entre o bem e o mal e seu poder sobre o destino da humanidade, na tentativa de uma teodiceia, um esforço para defender a bondade de Deus para com a raça humana decaída.

O tema recorrente no poema é a liberdade. A liberdade que, nos tempos

<sup>4</sup> Na primeira edição, a obra foi dividida em dez Cantos. Já na segunda edição, em 1674, o poema foi rearranjado em 12 Cantos, talvez para seguir o padrão da Eneida, de Virgílio.

<sup>5</sup> ZUKERMAN; LUXON. **Answerable Style: The Genre of *Paradise Lost***. Disponível em: <[https://www.dartmouth.edu/~milton/reading\\_room/pl/intro/text.shtml](https://www.dartmouth.edu/~milton/reading_room/pl/intro/text.shtml)>. Acesso em: 16 jun. 2015.

de militância política, levou os rebeldes a destronar e executar seu tirânico monarca. A liberdade que Satanás demanda de Deus, e que o lança aos horrores do Inferno. A liberdade que, no que parece ser o entendimento de Milton, Deus concede a anjos e a seres humanos no que tange à escolha de permanecer ou não ao Seu lado. Tal compreensão, entretanto, parece contradizer o discurso calvinista de que Deus determina o destino humano para o bem ou para o mal.

Nas próximas páginas há uma tentativa de analisar a interpretação de Milton dos três primeiros capítulos da Bíblia e das discussões teológicas de sua época a partir de sua maior obra. Para tanto é necessário fazer uma breve apresentação do poema<sup>6</sup>, seguida da análise de algumas passagens em que os temas da liberdade e da predestinação são mais evidentes, especialmente sob o ponto de vista dos personagens Satã, Deus e o anjo Rafael.

Espero poder trazer um vislumbre da compreensão peculiar que Milton parecia ter de temas fundamentais da teologia e como ele se posicionou, por meio de *Paraíso Perdido*, em tempos de grandes controvérsias religiosas.

## 2 CONTEXTO POLÍTICO

Na época de John Milton, a tensão na Inglaterra era imensa. A economia passava a não se basear apenas nas grandes extensões de terra, mas também no comércio. No campo religioso, havia a Igreja Anglicana, estabelecida pelo Estado sob Henrique VIII, que havia rompido com Roma por ocasião de seu divórcio de Catarina de Aragão. O rei, então, tornou-se o Chefe da Igreja. Outro grupo, envolvido em teologia e política era formado pelos Cabeças Redondas (*the Roundheads* – nome dado provavelmente devido ao corte de cabelo arredondado adotado pelos seus integrantes). Originários do movimento calvinista, os Cabeças Redondas lutavam contra a arbitrariedade nos aumentos de impostos por parte do rei Carlos I. Além disso, Carlos I não era bem visto por ter escolhido para si uma esposa católica, Henriqueta Maria de França, o que balançou as bases da Reforma Anglicana no país. O rei não apenas defendia o reestabelecimento do catolicismo como perseguia os Puritanos a tal ponto que muitos deles foram exilados para os

---

<sup>6</sup> Quem sabe a curiosidade do leitor será despertada para a leitura do poema completo, acessível online em diferentes páginas. A empreitada não é fácil, mas fascinante.

países baixos ou a América<sup>7</sup>. Além disso, todas as vezes em que o Parlamento Inglês se negava a aprovar suas medidas, o rei o dissolvia. Como governante supremo, tomou tantas medidas econômicas desastrosas que a situação do país se agravou enormemente. A negligência em relação ao povo e o autoritarismo do monarca levaram a Inglaterra à guerra civil, apoiada por líderes políticos, por aristocratas e também por Puritanos. Carlos I foi preso em 1647, e em dois anos foi condenado e executado<sup>8</sup>.

Durante os primeiros tempos da revolução, Milton estudava na Itália, onde conheceu grandes estudiosos e cientistas da época. Devido à turbulência política em seu país, abandonou seus estudos para se tornar um militante. A palavra continuou sendo seu objeto de trabalho, entretanto ele passou a usá-la como arma para lutar com os Puritanos, e utilizou as ideias dos Reformadores para legitimar seus ideais políticos e sociais de liberdade. Milton se ocupou da liberdade religiosa, pessoal ou doméstica e também da liberdade civil e política. Justificava os três aspectos com base na Verdade (com V maiúsculo) de Deus e das Escrituras e na “bondade e potencial inerentes a todos os homens e mulheres ingleses”<sup>9</sup>. Em geral, os escritos dos panfletários políticos como Milton eram a favor da liberdade religiosa, de expressão, de propriedade, bem como do direito ao julgamento justo, à educação e ao bem-estar. Chegaram a propor, em 1649, uma nova constituição, que contemplaria não apenas direitos favoráveis aos cidadãos propostos pelo Estado, mas também os direitos naturais “criados por Deus e a serem confirmados pelo Estado”<sup>10</sup>, o direito à vida, à liberdade e à propriedade. Defendiam também as ideias reformistas de que cada pessoa é igualmente chamada por Deus para ser profeta, sacerdote e rei, e assim ter voz ativa dentro de sua comunidade de convívio<sup>11</sup>.

Depois que Carlos I saiu de cena, Oliver Cromwell assumiu o governo da Inglaterra, uma nova República. Milton aceitou ser o secretário de Línguas

<sup>7</sup> WITTE, John Jr. Prophets, priests and kings: John Milton and the reformation of rights and liberties in England. In: **Emory Law Journal**. Atlanta, v. 57, 2008, p. 1527-1604. Disponível em: [http://csrlr.law.emory.edu/fileadmin/media/PDFs/Journal\\_Articles\\_and\\_Book\\_Chapters/57.6.ELJ.Witte.Prophets\\_Priests\\_Kings\\_Milton.pdf](http://csrlr.law.emory.edu/fileadmin/media/PDFs/Journal_Articles_and_Book_Chapters/57.6.ELJ.Witte.Prophets_Priests_Kings_Milton.pdf). Acesso em: 06 Jun. 2015.

<sup>8</sup> WITTE, 2008, p. 1533ss.

<sup>9</sup> WITTE, 2008, p. 1529. Tradução livre.

<sup>10</sup> WITTE, 2008, p. 1540. Tradução livre.

<sup>11</sup> WITTE, 2008, p. 1540.

Estrangeiras de Cromwell. Entretanto, não demorou para que Cromwell começasse seu próprio tipo de ditadura, com regras de comportamento exageradamente severas, ditadas pelos próprios Puritanos, em que um moralismo extremado se impunha<sup>12</sup>. Embora Cromwell falhasse como protetor da liberdade de seu povo, Milton ficou ao seu lado até a morte do governante, em 1658. Dois anos depois, a monarquia foi restaurada. O rei Charles II foi coroado em 1660, e com ele o anglicanismo foi restaurado, os Puritanos foram silenciados e Milton, após um período na prisão, foi condenado à solidão e à irrelevância.

O momento para o grande épico chegara. Desiludido em relação à grandeza da Inglaterra, Milton escolheu um tema que evocasse a liberdade e as consequências do uso inadequado desse precioso bem.

### 3 CONTEXTO TEOLÓGICO

Milton nasceu no século XVII, em que as ideias reformistas já efervesciam a pelo menos cem anos. Ele teve a oportunidade de dedicar-se mais aos estudos que a maioria, devido às boas condições financeiras de sua família<sup>13</sup>.

Embora não tenha seguido a carreira clerical, Milton nunca abandonou sua fé ou convicções teológicas, que foram fundamentais ao seu engajamento político acima mencionado. Pode-se dizer que *Paraíso Perdido* espelha o entendimento de Milton sobre algumas das questões mais polêmicas envolvendo dogmas cristãos. É importante tentar compreendê-lo a partir das fontes teológicas que mais o influenciaram, especialmente no que tange à relação entre Deus e suas criaturas, sejam elas anjos ou seres humanos, à providência divina e ao livre arbítrio.

#### 3.1 A criatura só encontra sentido na relação com seu Criador

---

<sup>12</sup> BURGESS, 1986, p. 104.

<sup>13</sup> Isto apesar de seu pai ter sido deserdado. John Milton Sr., pai do poeta, foi excluído do rol de herdeiros de seu pai por ter se tornado protestante. A intensidade de suas crenças provavelmente influenciou o jovem Milton, cuja veemência e até mesmo uma certa atitude belicosa ao defender suas opiniões levaram-no a ser suspenso do Christ's College por algum tempo. Cf. THOMAS, Henry; THOMAS, Dana Lee. Perfil Biográfico. In: MILTON, John. **Paraíso Perdido**. São Paulo: Martin Claret, 2006, p. 472.

Não se pode pensar em Reforma Luterana, Calvinista ou no Puritanismo sem levar em conta as influências que tais movimentos sofreram até se tornarem a revolução que representaram dentro da Igreja, e que impactou a vida social e política da Europa de então. Um dos maiores predecessores, tanto de Lutero quanto de Calvino, foi Agostinho, cuja controversa trajetória pessoal o levou a escrever suas Confissões, nas quais declara a Deus, já no primeiro parágrafo: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”<sup>14</sup>. É a confissão de quem, apesar de sua imensa erudição, encontra sentido em sua vida somente a partir da relação pessoal com Deus<sup>15</sup>. Mais de um milênio mais tarde, os Reformadores também encontraram seu propósito de vida em uma ligação pessoal com seu Salvador. Também para eles a criatura não faz sentido longe de seu Criador. Essa convicção está presente em Milton, que entende que qualquer criatura estaria morta ou perdida quando afastada de Deus, e baseado nisso tenta *justificar o proceder do Eterno aos homens*, demonstrando que, longe de Deus não há como experimentar sua bondade, e de que não há como viver desligado da única fonte da vida.

Também se pode atribuir a Agostinho a intensificação da crença na história da queda de Lúcifer e seus anjos por conta da sua rebeldia contra Deus, bastante popular entre os Puritanos.

### 3.2 A lenda da guerra no Céu e da queda dos anjos rebeldes

A história da queda de Lúcifer e seus anjos vem dos primeiros séculos da era cristã. Antes disso já havia lendas judaicas concernentes à origem da personificação do mal, além dos tão conhecidos mitos gregos a respeito de guerras entre divindades. Todas essas fontes podem ter contribuído para que os cristãos perseguidos desenvolvessem sua própria doutrina na qual o arqui-inimigo de Deus e seus companheiros tenham investido em guerra contra Deus no Céu. A passagem bíblica que daria suporte a essa crença é encontrada no livro de Apocalipse, em que Miguel e seus anjos lutam contra o dragão que é expulso do Céus com seus próprios anjos<sup>16</sup>. Entretanto, trata-se de uma passagem profética, e não um relato

<sup>14</sup> SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984, p. 15.

<sup>15</sup> CAIRNS, Earle. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 118-119.

<sup>16</sup> Apocalipse 12.7-9.

do que aconteceu antes da criação do mundo e da humanidade. Mesmo assim, ainda hoje encontramos ecos dessa crença numa guerra primordial.

Além da passagem do Apocalipse, há ainda um trecho do livro do profeta Ezequiel que tem inspirado os leitores a relacionar a profecia contra o rei de Tiro com a queda de Lúcifer, supostamente o mais belo dos anjos de Deus<sup>17</sup>. Já no livro do profeta Isaías o nome Lúcifer provavelmente se refere a um dos orgulhosos reis da Babilônia, mas a profecia contra ele também tem sido compreendida como um relato do que aconteceu ao anjo que resolveu desafiar Deus, dominado pelo seu ambicioso ego, e assim deixou de ser Lúcifer e se tornou Satanás<sup>18</sup>.

Ainda sobre os anjos, em *De Civitate Dei* Agostinho afirma que a causa da bem-aventurança dos anjos bons consiste no fato de que eles permaneceram fiéis a Deus. Já o estado desesperador e miserável dos anjos maus consiste no fato de que traíram “Aquele que supremamente é”, e voltaram-se para si mesmos, não tendo em si mesmos a mesma essência. Agostinho chama isto de orgulho, e lembra que o orgulho é o princípio do pecado. O Pai da Igreja afirma que por não permanecerem unidos ao Ser Supremo, os anjos maus deixaram de ser tudo o que poderiam ser e se conformaram em ser menos<sup>19</sup>. Nessa passagem Agostinho reitera sua afirmação de que as criaturas de Deus só encontram sentido no relacionamento com ele e de que foi o orgulho dos anjos a origem primária do mal.

Lutero e Calvino não questionavam a explicação sobre a origem dos anjos caídos, apesar de que Lutero reconhecia que o texto de Apocalipse não poderia ser interpretado como uma guerra primordial no Céu. Entretanto, tanto nos ensinamentos de Lutero quanto nos de Calvino o inimigo de Deus tem grande influência nas decisões e ações das pessoas. Para ambos, Satanás é um inimigo a ser combatido; para Calvino, de forma a preservar a integridade do ser humano; para Lutero, simplesmente porque Deus deu a seus filhos a graça de serem perdoados e, portanto, de resistirem à tentação, especialmente àquele desejo íntimo de não depender de ninguém, nem mesmo de Deus, para obter a salvação.

### **3.3 O fundamento teológico para o posicionamento político**

---

<sup>17</sup> Ezequiel 28.12-17.

<sup>18</sup> Isaías 14.12-15.

<sup>19</sup> AUGUSTINE. *City of God*, p. 330 Editado por Philip Schaff. Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893,\\_Schaff,\\_Philip,\\_2\\_Vol\\_02\\_The\\_City\\_Of\\_God,\\_Christian\\_Doctrine,\\_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893,_Schaff,_Philip,_2_Vol_02_The_City_Of_God,_Christian_Doctrine,_EN.pdf). Acesso em: 24 maio 2015.

Como foi mencionado anteriormente, a visão política de Milton era baseada na ideia de que todo cristão é também sacerdote e rei. Essas atribuições foram enunciadas por Lutero em *Da Liberdade Cristã*, de 1520. Conforme Witte, “ela desafiou não apenas a autoridade tradicional do clero sobre os leigos, mas eventualmente todas as estruturas autoritárias tradicionais – governantes sobre governados, maridos sobre esposas, pais sobre filhos, senhores sobre servos”<sup>20</sup>. Os Puritanos também se valeram dessa premissa no século 17, e também Milton acreditava que tudo que se relaciona com cidadania, lei, direitos e liberdade tem seu fundamento na Bíblia. Milton cria que o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus e, portanto, tem em si o anseio pela sua presença. Além disso, para Milton todo ser humano tem a capacidade de distinguir entre o bem e o mal e fazer escolhas que o levam a posicionar-se e agir. Nesse sentido, Milton aproximase da concepção luterana de que o cristão tem a liberdade de servir ao próximo, e assim, servir a Deus. Para ele,

a liberdade cristã significa que Cristo, nosso libertador, nos livra da escravidão do pecado e, portanto do domínio da lei dos homens, como se fôssemos escravos alforriados. Ele faz isso para que, tendo sido feitos filhos em vez de servos, e homens em vez de meninos, nós possamos servir a Deus em caridade pela direção do espírito da verdade.<sup>21</sup>

John Milton compreendia, portanto, que se alguém é liberto para servir a Deus e a seus semelhantes, a lei se torna menos importante, uma vez que o amor, ou a caridade e o bem comum devem orientar as ações das pessoas, do camponês ao monarca. Assim, ele não baseou seus escritos nas leis ou padrões vigentes em seu tempo, mas principalmente em sua compreensão da liberdade que vem da graça de Deus e que faz de cada ser humano um instrumento de seu amor, respeitando e defendendo a liberdade de seus semelhantes.

Por essa razão Milton é considerado antinomista por muitos estudiosos<sup>22</sup>, o que pode ser contestado se, no entendimento do autor, o efeito da graça de Deus na vida da pessoa é o serviço. Isso implica, infalivelmente, em boas obras, em imitação de Cristo, em um compromisso de ser profeta, sacerdote e rei. Como

<sup>20</sup> WITTE, 2008, p. 1541. Tradução livre.

<sup>21</sup> MILTON *apud* WITTE, 2008, p. 1551. Tradução livre.

<sup>22</sup> WITTE, 2008, p. 1555.

profeta, o cristão deve educar a Igreja e o mundo na verdade; como sacerdote, pode exercitar o amor, a oração e o sacrifício; e como rei, deve governar seu próprio coração com a lei de Cristo<sup>23</sup>. A decisão de imitar a Cristo deve levar a agir corretamente, e não há lei contra isso.

Milton foi uma personalidade polêmica, e suas ideias eram avançadas para seu tempo. Foi pela ideia de liberdade de consciência que ele defendeu o divórcio por incompatibilidade de gênios. Foi também baseado nesse princípio que ele defendeu a execução de Carlos I, pois para ele, quem toma para si o direito de negar a liberdade a seu semelhante, seja ele o rei ou não, pode e deve ser impedido de fazê-lo.

Contraditoriamente a isso, depois de o monarca ter sido deposto e morto, o governo de Oliver Cromwell, para quem Milton trabalhou, impôs aos cidadãos pesadas leis moralistas, como todo o apoio dos Puritanos. E seu secretário de Línguas Estrangeiras, estranhamente, permaneceu ao seu lado, mesmo discordando de seus atos.

As desilusões de Milton em relação ao fracasso da revolução e do novo governo podem tê-lo levado a repensar seu posicionamento a respeito de autoridade, hierarquia e sociedade. Paraíso Perdido traz algumas pistas disso. A questão da liberdade, entretanto, parece ser o fio condutor do poema, o que sugere que Milton talvez tenha chegado à conclusão de que a Cidade de Deus ainda deve ser o modelo para qualquer sociedade secular. Em Paraíso Perdido existe um soberano, mas seu governo nasce no amor e é executado em sacrifício próprio.

### **3.4 Predestinação e livre arbítrio**

As divergências entre os Reformadores a respeito dos temas da predestinação e do livre arbítrio são bastante discutidas ainda hoje, e muito mais no tempo do autor de Paraíso Perdido. Tanto Calvino quanto Lutero criam na providência divina e na dependência do ser humano da boa vontade de seu Criador. Entretanto, divergiam em alguns aspectos cruciais. Lutero acreditava na predestinação para a salvação. No seu entendimento, Deus olha para a criação com bons olhos e boa vontade, e seus planos para a humanidade são sempre bons, mesmo que esta tenha corrompido seu projeto original. Em *De servo arbitrio* Lutero refuta as ideias de Erasmo, que atribuía ao ser humano a possibilidade

---

<sup>23</sup> WITTE, 2008, p. 1557.

de escolher entre o bem e o mal, o certo e o errado, e assim, aceitar ou não a salvação. Para Lutero, é Deus em sua misericórdia que efetua a salvação, trazendo sua criatura para junto de Si, pois o ser humano, nascido em pecado, não chega à salvação por mérito ou escolha própria. Ele depende da ação de Deus em sua vida, que cria a fé, que reconhece o amor e a salvação e traz paz e liberdade... para servir a Deus e ao semelhante.

Para Lutero, qualquer tentativa do ser humano de chegar à salvação por si mesmo é sinal de orgulho e do desejo de ser independente de Deus, até mesmo para essa questão. Milton faz uso desse conceito quando cria seu Satã. Embora não usasse o termo, Milton sugere que o que desencadeia a revolta de Satã é sua *hybris*, aquele orgulho exacerbado que não admite dependência plena de alguém superior a si mesmo, que não aceita não ser autossuficiente e, no caso da relação entre a criatura e o Criador, não deixa Deus, a fonte de sua vida, ser Deus.

Já para Calvino, a presciência e a providência divina já determinaram, desde o início dos tempos, quem será e quem não será salvo. Assim, pode-se concluir que no seu entendimento, Deus já havia estabelecido a queda dos anjos e da humanidade, não havendo liberdade de escolha para nenhum dos dois grupos. Entretanto, a santidade que a doutrina calvinista exige de seus seguidores de certa forma contradiz esta crença. Para Calvino, tanto o bem quanto o mal vêm de Deus, e Ele direciona as ações dos seres humanos a seu bel prazer. Não apenas as ações dos seres humanos, mas até mesmo Satanás é, para Calvino, um instrumento da providência divina para a execução dos julgamentos de Deus<sup>24</sup>.

Com base no terceiro Canto de Paraíso Perdido, percebe-se que Milton faz clara distinção entre presciência e determinação. O personagem Deus na obra de Milton é onisciente; ele sabe da queda dos anjos e da humanidade, mas, embora não evite nenhum dos acontecimentos, não se responsabiliza por eles, deixando claro que são fruto da decisão de suas criaturas. Quando Milton dá voz ao seu Deus, diz que a liberdade é o veículo pelo qual o amor e a gratidão podem ser provados, e que o destino de anjos e homens depende de suas escolhas<sup>25</sup>.

#### **4 PASSANDO OS OLHOS PELO PARAÍSO PERDIDO DE MILTON**

<sup>24</sup> CALVIN, John. **The Institutes of the Christian Religion**, p. 193. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutes.pdf>. Acesso em: 19 maio 2015.

<sup>25</sup> MILTON, 2006, p. 114-155 (*PL III.103-119*).

Como já foi mencionado, a primeira ideia de John Milton ao sonhar com um épico era enaltecer a história da Inglaterra. Mais tarde, muito decepcionado com seus heróis humanos, decide utilizar esse gênero literário para discorrer sobre o conflito celestial entre Satã e seu exército e os anjos fiéis ao Criador e suas consequências, que atingiram toda a Criação<sup>26</sup>. Afinal, embora a queda seja a catástrofe primordial a atingir a humanidade, seguida dela já existe a promessa de redenção e esperança. Quem sabe o Milton idoso, cansado de tantas ilusões, focasse em algo superior a ele mesmo.

Embora o Paraíso Perdido de Milton tenha a maioria dos elementos de um épico clássico, como por exemplo a interação entre divindades e seres humanos, invocações, musas, conflitos etc., ele é notavelmente diferente, segundo os críticos, no que diz respeito ao seu herói principal, que é um assunto bastante controverso<sup>27</sup>. Muitos estudiosos entendem que o grande herói do épico é Satã. Em *Matrimônio do céu e do inferno*, William Blake afirma: “A razão pela qual Milton escreveu acorrentado, quando escreveu acerca de Anjos e Deus e em liberdade quando de Demônios e Inferno, é porque ele era um verdadeiro Poeta e do partido dos Demônios sem o saber”<sup>28</sup>. Embora haja muita polêmica em torno do assunto, não há como negar que Satã tem um papel de imenso destaque na obra toda<sup>29</sup>. Deixemos, entretanto, esse assunto para os críticos, e nos concentremos na beleza do poema.

Milton opta, como os antigos autores de grandes épicos, por versos brancos, sem se preocupar com rima, apenas métrica. Já nas primeiras linhas do primeiro Canto, o autor propõe o tema de sua obra, como todo bom épico, invocando sua musa divina, num brevíssimo resumo da história da queda e da redenção:

Do homem primeiro canta, empírea Musa,  
A rebeldia — e o fruto, que, vedado,

---

<sup>26</sup> ZUCKERMANN, [s.a.].

<sup>27</sup> ZUCKERMANN. [s.a.].

<sup>28</sup> BLAKE, William. **Matrimônio do céu e do inferno**. São Paulo: Madras, 2004, p. 12. Disponível em <http://lelivros.love/book/baixar-livro-matrimonio-do-ceu-e-do-inferno-willian-blake-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em 06 maio 2019.

<sup>29</sup> “Herói” no conceito literário não é necessariamente o “mocinho”, mas aquele personagem que se destaca. E por vários Cantos Satã parece ser este personagem.

Com seu mortal sabor nos trouxe ao Mundo  
 A morte e todo o mal na perda do Éden,  
 Até que Homem maior pôde remir-nos  
 E a dita celestial dar-nos de novo.<sup>30</sup>

A musa que ele invoca é apresentada como a mesma que inspirou “ao pastor”<sup>31</sup>. Entretanto, não é ela a única entidade divina com a qual ele conta para sua audaciosa tarefa. Para “justificar o proceder do Eterno” ele precisa de alguém maior, o próprio Espírito de Deus, presente na criação do mundo:

E tu mais que ela, Espírito inefável,  
 Que aos templos mais magníficos preferes  
 Morar num coração singelo e justo,  
 Instrui-me porque nada se te encobre.  
 Desde o princípio a tudo estás presente:  
 Qual pomba, abrindo as asas poderosas,  
 Pairaste sobre a vastidão do Abismo  
 E com almo portento o fecundaste:  
 Da minha mente a escuridão dissipa,  
 Minha fraqueza eleva, ampara, esteia,  
 Para eu poder, de tal assunto ao nível,  
 Justificar o proceder do Eterno  
 E demonstrar a Providência aos homens.<sup>32</sup>

Após certificar-se de estar propriamente cercado de suas divinas fontes de inspiração, o autor inicia a apresentação do tentador, por cuja influência irresistível os pais da humanidade trouxeram desgraça não apenas para si, mas para toda a sua descendência. Satã, um dos arcanjos, o maior na hierarquia do Céu, rebela-se contra Deus, seguido de uma imensa legião de anjos menores. As linhas abaixo mostram que o maior problema do rebelde era sua ambição de ser igual ao seu Criador<sup>33</sup>.

*O Dragão infernal. Com torpe engano,  
 Por inveja e vinganças instigado,*

<sup>30</sup> MILTON, 2006, p. 22 (PL I.1-6). O tal pastor é provavelmente Moisés, até então reconhecido como autor do Pentateuco.

<sup>31</sup> MILTON, 2006, p. 22 (PL I.8).

<sup>32</sup> MILTON, 2006, p. 23 (PL I.17-26).

<sup>33</sup> A mesma ambição Satã propõe a Eva no Canto IX, em que ele sugere a ela que, ao comer o fruto proibido, ela poderia tornar-se sábia como Deus, e que a proibição poderia ser apenas uma maneira de Deus garantir todo o poder e sabedoria para Si, e assim manter todas as outras criaturas sujeitas a ele. (MILTON, p. 337-338 – PL IX.703-709).

*Ele iludiu a mãe da humana prole,  
Lá depois que seu ímpeto soberbo  
O expulsara dos Céus coa imensa turba  
Dos rebelados anjos, seus consócios.  
Confiado num exército tamanho,  
Aspirando no Empíreo a ter assento  
De seus iguais acima, destinara  
Ombrear com Deus, se Deus se lhe opusesse,  
E com tal ambição, com tal insânia,  
Do Onipotente contra o Império e trono  
Fez audaz e ímpio guerra, deu batalhas.  
Mas da altura da abóbada celeste  
Deus, coa mão cheia de flumíneos dardos,  
O arrojou de cabeça ao fundo Abismo,  
Mar lúgubre de ruínas insondável,  
A fim que atormentado ali vivesse  
Com grilhões de diamante e intenso fogo  
O que ousou desafiar em campo o Eterno.<sup>34</sup>*

A rebelião levou Satã e seus anjos à expulsão do Céu. Depois de nove dias de letargia num lago de fogo, Satã chama seus companheiros para pensarem juntos numa maneira de reconquistar seu acesso ao Céu. Eles estabelecem a cidade de *Pandemônio* nas profundidades da escuridão e se juntam em conselho para decidir seu plano de ação.

É no Canto II que o debate acontece, com grande variedade de ideias. Depois de muita conversa, Satã propõe que eles destruam a mais nova paixão de Deus, a humanidade. Corajosamente, ele se voluntaria para executar o ato intrépido de vingança, o que lhe rende louvores e aplausos dos outros rebeldes.

Ao sair, Satã encontra sua filha Pecado e o filho de seu incesto, Morte, guardando os portões do Inferno. Eles permitem sua saída, em lealdade a seu pai, pois não se sentem obrigados a serem leais a Deus. Satã inicia, assim, sua jornada ao mundo recém-criado guiado por Caos. Transpõe toda sorte de obstáculos até que seus olhos finalmente se fixam no Céu, seu antigo lar. Em seguida, ele localiza a terra, pairando entre outras orbes, e se direciona ao planeta, tomado de fúria.

O Canto III é denso e revela muito das convicções de Milton acerca de Deus e do evangelho. Nele Deus aparece sentado em seu trono, observando a aproximação de Satã ao novo mundo por ele criado e chama seu Filho para assistir à cena. Ele conta ao Filho os planos de seu inimigo e, em sua presciência, afirma que homem e mulher cairão, mesmo tendo sido criados com a capacidade de

<sup>34</sup> MILTON, p. 24 (*PL I.34-49*).

resistir ao mal e a liberdade de obedecer. O Filho, conhecendo o intenso amor de Deus por sua criação e, ao mesmo tempo, sua suprema justiça, escolhe já naquele momento reconciliar essas duas facetas de seu Pai, voluntariando-se para tomar sobre si o julgamento e a punição devidos ao pecado humano. Deus o Pai aceita a oferta prontamente.

*Mas logo o Onipotente assim responde:  
 “Ó tu, que só na Terra e Céus podias  
 A salvação achar da prole humana,  
 Pelo seu crime exposta aos meus furores!  
 Ó tu, meu prazer único! Bem sabes  
 Todas as minhas obras quanto eu prezo;  
 Mas a última prefiro a todas... o homem!  
 Por ele te permito que te apartes  
 Do seio meu, da minha destra, um tempo,  
 Para a perdida estirpe lhe salves.  
 Tu, que és o só que resgatá-lo pode,  
 A junta dele a natureza à tua:  
 Entre os homens na Terra faze-te homem,  
 Encarnando, lá quando aponte o prazo,  
 No puro seio de escolhida Virgem  
 Que tem de dar-te à luz com pleno assombro.  
 Sê do gênero humano o grande chefe;  
 Mesmo filho de Adão, toma-lhe o posto:  
 Se os homens todos pereceram nele,  
 Restaurados serão quantos restaures.  
 Sua origem segunda em ti contemplem;  
 Sem ti... nenhuma redenção aguardem. (...)”<sup>35</sup>*

Já se estabelece nesse ponto que, no futuro, o Filho se tornará homem, morrerá e ressuscitará, e assim, redimirá a criação. Deus Pai exalta a benevolência e boa vontade de seu Filho, e lhe dá todo poder e a glória no Céu.

Enquanto isso, Satã encontra Uriel, o guarda no novo mundo. Disfarça-se, então, como um anjo menor e mostra-se interessado na mais nova obra de criação de Deus, o que é suficiente para que ganhe passagem.

Entretanto, no Canto IV o Satã miltoniano entra em crise. O autor, aqui, dá ao seu personagem uma chance de arrependimento. Nesta parte da obra, Satã se depara com uma íntima batalha contra o último resquício de pureza em seu coração, ou a lembrança dele. Ele reconhece que Deus é a fonte de todas as coisas, merecedor da gratidão de todas as suas criaturas, e que ele mesmo seria

<sup>35</sup> MILTON, 2006, p. 121 (PL III.273-289).

eternamente devedor a Deus, a quem ele considera justo e merecedor de todos os louvores, por sua própria existência, fosse ela no Inferno ou no Céu. Ao resistir a esse rompante de arrependimento, Satã condena a si mesmo, pois, nas palavras de Lewis, “uma criatura que se revolta contra o seu criador se revolta contra a fonte de seu próprio poder”<sup>36</sup>. E Satã tem total ciência disso quando despeja, angustiado, seu desabafo ao Sol:

*A voz dirijo a ti, não como amigo,  
Porém sim articulo, ó Sol, teu nome  
Para te assegurar quanto aborreço  
Tua luz que à lembrança me recorda  
O ledo estado de que fui banido!  
De tua esfera muito acima outrora  
Glorioso me assentei; porém, ousando  
Guerrear nos Céus, dos Céus o Rei supremo,  
De lá me arrojam a ambição, o orgulho,  
Mas... ai de mim! por que? ... Justo e benigno,  
De tal retribuição credor não era,  
Ele que o ser me deu, que nessa altura  
Me colocou imerso em brilho, em glória,  
Sem nunca me exprobrar favor tão grande:  
Nenhum custo me dava o seu serviço.  
Que me cumpria tributar-lhe menos  
Que a fácil recompensa dos louvores?  
Graças assim lhe eu dava, oh! tão devidas!  
Mas seu bem todo em mim tornou-se em males,  
Meu coração encheu de atroz malícia:  
Tão alto erguido, à sujeição repugno;  
Ao mais sublime grau quero elevar-me,  
De todos muito acima, — e num momento  
Ver-me quite de dívida tão árdua  
Qual a da gratidão, imensa, infinda,  
Que a pagar custa e em dívida está sempre.  
Assim de seus favores deslembado,  
Nem mesmo vi que uma alma agradecida,  
Se sempre deve, está sempre pagando,  
Que ao mesmo tempo se indívda e salda!<sup>37</sup>*

Da batalha que ocorre dentro de Satã resulta a vitória do orgulho sobre a gratidão, e assim o personagem miltoniano decide não se voltar a Deus, não retornar ao seu lar, à sua origem, à sua completude. Ele admite ter sido feliz no

<sup>36</sup> LEWIS, C.S. **A Preface to Paradise Lost**. Londres: Oxford University Press, 1969, p. 96.

<sup>37</sup> MILTON, 2006, p. 143s (*PL IV:47-57*).

Céu, enquanto cumpria o propósito de sua existência, enquanto rendia louvores a quem o havia criado. Entretanto, não pode suportar a ideia de que, ao se sujeitar a Deus, seja privado do que ele entende por liberdade, mesmo que essa seja sua miséria. Percebe que o Inferno está dentro dele, e então ele escolhe ser o regente do Inferno, e fazer do mal o seu bem. Ele renuncia à possibilidade de arrependimento, perdão e restabelecimento de uma relação com seu Criador, e escolhe livremente rejeitar ao amor e senhorio de Deus pela segunda vez, sabendo que agora não há retorno.

*Maldito eu seja porque injusto  
 Livremente escolhi contra meu senso  
 O que tão justamente agora eu sofro!  
 Quanto sou infeliz! Por onde posso  
 Fugir de sua cólera infinita  
 E de meu infinito desespero? ...  
 Só o Inferno essa fuga me depara:  
 Eu sou Inferno pior! o outro, cavando  
 No fundo abismo, abismo inda mais fundo,  
 E ameaçando engolir-me em tais horrores,  
 Para mim fora um céu se o comparasse  
 Com este Inferno que em mim mesmo sofro!  
 Ai de mim! que afinal ceder me cumpre!  
 E como hei de mostrar que me arrependo?  
 Por que modo o perdão obter eu posso?  
 Só pela submissão... Palavra horrível!  
 Meu nobre orgulho atira-te bem longe,  
 Repele-te a vergonha que eu sentira  
 À vista dos espíritos imensos  
 Que seduzi, fazendo outras promessas  
 Que de vil submissão muito distavam,  
 Blasonando-lhes pôr em cativo  
 O Onipotente Regedor do Empíreo.  
 Que dor infanda! ... Pouco eles conhecem  
 Quão cara a vã jactância hoje me custa!  
 Imerso em que tormentos se debate  
 Meu triste coração no entanto que eles  
 Por monarca do Inferno hoje me adoram!  
 [...]  
 O meu flagelador tudo isto sabe:  
 Assim, de dar-me a paz dista ele tanto  
 Como eu de lha pedir; eis para sempre  
 Perdida toda a sombra de esperança!  
 Em vez de nós, expulsos, exilados,  
 Criada já existe a prole humana,  
 Prazer novo de Deus, e este amplo Mundo  
 Para morada deleitosa dela.  
 Foi-se a esperança... e não regressa nunca!...  
 Co'ela o medo se foi, foi-se o remorso!  
 Para mim não há bem que já exista!*

*Serás meu bem, ó mal! por ti ao menos  
O império universal com Deus divido,  
E na porção maior talvez eu reine:  
O homem e o Mundo o saberão em breve.*<sup>38</sup>

A luta interior de Satã no Canto IV deixa claro que o soberano do Inferno sabe que a liberdade pela qual ele luta não existe, mas ele não pode admitir tal realidade para si mesmo, muito menos para os seus companheiros, que o consideram o maioral dentre eles, e sobre os quais ele pretende governar. Ele reconhece que não há liberdade, tampouco sentido de existência, longe daquele que o criou com a capacidade de obedecer livremente, em atitude de gratidão. Ainda assim, ele faz sua escolha<sup>39</sup>.

Após entrar em consenso consigo mesmo, Satã entra no Paraíso e observa Adão e Eva, não sem uma certa dose de espanto. Ele admira sua felicidade inocente, o amor que compartilham, sua devoção a Deus. Também ouve suas conversas, e por meio delas descobre a existência e a importância da árvore do Conhecimento, cujo fruto traria a morte. Enquanto isso, Uriel percebe que foi enganado, e alerta o anjo Gabriel da invasão do Paraíso. As forças angelicais conseguem então interromper a ação de Satã exatamente no momento em que ele fala ao ouvido de Eva em seus sonhos, e ele acaba fugindo.

Assim, Deus manda Rafael ao Jardim, para alertar Adão e Eva sobre a presença do tentador. Essa visita é descrita no Canto V. Rafael é recebido com honras, faz uma refeição com o casal<sup>40</sup>, e conversa com Adão por um longo tempo. Uma vez avisado, o casal nunca teria uma desculpa para agir em desobediência. Rafael responde todas as perguntas de Adão sobre seu inimigo e sobre a guerra no Céu.

Os vívidos detalhes desta guerra aparecem, pela boca do anjo, no Canto VI, e no final da longa descrição, Adão toma conhecimento da existência do Filho

---

<sup>38</sup> MILTON, 2006, p. 144-146 (*PL IV:71-89; 103-113*).

<sup>39</sup> Aqui talvez esteja o ponto principal da controvérsia sobre o protagonismo e o heroísmo de Satã, anteriormente mencionado. Ele não abre mão de seus valores, mesmo que o custo de tal escolha seja alto demais. Dentro dos ideais dos poetas do Romantismo, isso faz dele um herói. Dentro da literatura em geral, um anti-herói. Obviamente, essa discussão se restringe à Literatura apenas, e não à Teologia ou à fé cristã.

<sup>40</sup> Anjos comem comida de gente? Vale a pena ler as explicações de Rafael a Adão quando este se mostra curioso a respeito dos hábitos angelicais, suas possibilidades e relações. Milton se dá o direito de falar sobre o sexo dos anjos (sim, a Literatura lhe permite), dentre outros assuntos. É uma conversa bastante interessante.

de Deus, cujo poder é superior a qualquer outro, e sob cuja autoridade Satã e seus anjos haviam sido banidos do Céu e engolidos pelas profundezas. Dessa forma, o primeiro homem é severamente advertido de que ele e sua esposa estão nos planos de vingança daquele que fora expulso do Céu, e que devem, portanto, estar preparados para resistir à tentação.

Adão se agrada muito da visita do anjo, e começa a investigar sobre suas próprias origens. No Canto VII Rafael responde suas perguntas sobre a criação do mundo, desenhando em palavras os seis dias nos quais, por meio do Filho de Deus, o universo fora formado<sup>41</sup>. Não apenas as descrições da criação em si são magnificamente detalhadas, mas também a glória que é dada ao Filho por seus grandes feitos, enaltecidos pelos anjos no final do Canto.

Rafael não se mostra tão disposto no Canto VIII, quando a curiosidade de Adão se volta para os outros planetas e seu funcionamento. O anjo determina que Adão se preocupe com assuntos mais práticos e importantes, que digam respeito diretamente a ele, sua esposa e a vida deles no Paraíso<sup>42</sup>.

---

<sup>41</sup> A variedade de detalhes da descrição de como Deus criou o mundo torna a leitura do Canto VII extremamente prazerosa. Além de prazerosa, é bastante instigante, pois sugere que a compreensão de Milton sobre a Criação diverge profundamente dos teólogos de sua época, católicos ou protestantes: o conceito de *creatio ex nihilo*. Milton se mantém fiel ao dogma da criação pela palavra de Deus, mas ele considera o próprio Deus a matéria primordial que dá origem a todo o resto. Conceito similar é desenvolvido mais tarde, no século XIX, por Schleiermacher, que diria que as coisas criadas seriam como um pingo no oceano, e que o oceano seria Deus. E alguns anos mais tarde, Einstein, um dos responsáveis pelo que veio a ser a teoria quântica, teria sua experiência quase espiritual ao se dar conta de que toda matéria é composta por energia, e que esta é similar a uma onda sonora. Pois de acordo com o relato miltoniano da criação, havia música no momento da criação, e foi a palavra de Deus que a realizou... As assombrosas descrições de Milton no Canto VII de Paraíso Perdido sugerem que ele era um homem muito adiante do seu tempo.

<sup>42</sup> É interessante que Milton coloque essas palavras na boca de Rafael, uma vez que as discussões sobre o universo estavam fervilhando em seu tempo. Sabe-se que, quando ainda jovem, Milton conhecera Galileo, responsável por grande parte das descobertas da época relativas à Astronomia, e que por elas fora condenado à reclusão em sua própria casa. Por alguma razão o Milton idoso relega essas questões ao rol das menos importantes, logo após o relato da criação, cheio de nuances de um pensamento científico mais avançado, conforme comentário anterior. Seria fascinante tentar descobrir por que o Rafael miltoniano aborda a questão dessa forma. Quem sabe o Adão pré-queda não deveria especular tanto, já que a Árvore do Conhecimento era a proibida. Mas o silêncio de Rafael poderia ser uma crítica sutil à Inquisição, que ceifou a vida de muitos que faziam perguntas demais e colocavam em xeque as verdades institucionalizadas... Intrigante.

Adão não quer que seu visitante vá embora, e uma vez que o assunto sobre o movimento dos outros planetas não flui, ele começa a relatar ao anjo as suas memórias do seu pouco tempo no Paraíso. Conta como fora sua vida só, e depois, com Eva. Confessa ter imenso amor pela esposa, mas afirma que jamais se deixará escravizar por ela. Rafael recomenda que Adão seja sempre dedicado àquela que Deus lhe dera como parceira, mas que lembrasse que a paixão física não lhe fazia em nada diferente dos brutos, e que por isso, tanto homem quanto mulher deveriam devotar seus corações primeiramente ao seu próprio Criador<sup>43</sup>.

É no Canto IX que Milton descreve com riqueza de minúcias a forma como Adão e Eva perdem o Paraíso. Satã volta ao jardim na forma de névoa, para então incorporar uma serpente adormecida. O casal tem sua primeira discordância, um momento em que suas opiniões divergem e nenhum deles quer ceder. Eva acha que o trabalho deles como cuidadores do Jardim seria mais produtivo se eles o dividissem e trabalhassem separadamente. Adão, por sua vez, é de opinião que a produção não é seu único objetivo, e sim, estarem juntos e deleitarem-se na companhia um do outro. Além de não querer se distanciar da esposa, Adão teme que sua amada esteja muito exposta à influência do inimigo, a respeito do qual Rafael os advertira com tanta veemência<sup>44</sup>. Eva sente-se ofendida, pois não se agrada das insinuações do marido de que ela não seria tão forte quanto ele para resistir a qualquer ataque do tentador, e Adão acaba por concordar com a sugestão de trabalharem separados.

Durante a manhã, Satã se aproxima da mulher e a conquista com adulações. Eva fica encantada, e após breve troca de palavras, pergunta à serpente como um bruto teria a habilidade de falar como um ser humano, o que a serpente atribui ao fato de ter comido o fruto de uma certa árvore do Jardim. Quando Eva descobre de que árvore se trata, explica à sua nova amiga que não pode apreciar a fruta, uma vez que por ela seria condenada à morte. A serpente, então, começa a argumentar com Eva, mostrando o quanto ela, como serpente, evoluíra a partir da ingestão do pomo, uma vez que ele lhe abria não apenas a boca, mas também a visão e a mente. Sugere, inclusive, que talvez Deus ficasse orgulhoso da mulher,

---

<sup>43</sup> Tal observação é extremamente relevante nesse ponto do poema, pois é no Canto IX que a queda acontece, e ironicamente, o fracasso do Adão de Milton não acontece por ter sido enganado, e sim, por uma decisão equivocada: a de devotar lealdade à pessoa errada, à sua mulher, por cujo amor ele jamais se deixaria escravizar.

<sup>44</sup> Não estaria ele também muito exposto?

se esta percebesse por si própria que a árvore lhe traria sapiência. Ou ainda, talvez Deus fosse simplesmente um ser vaidoso e egoísta que não quisesse compartilhar sua sabedoria com mais ninguém.

Eva se convence, colhe o fruto e o come, sentindo-se imediatamente poderosa. Sente-se superiora ao marido, e imagina que nem mesmo Deus pode impedi-la de evoluir ainda mais. Entretanto, sua autoconfiança dura pouco, e ela é tomada pelo temor de que Deus cumpra a sua promessa e a condene à morte. Nesse momento, é dominada pelo ciúme. Se ela morrer, Deus certamente dará outra esposa a Adão, e a mera possibilidade de que isso ocorra é mais do que ela pode suportar. Assim, decide persuadir seu marido a provar o fruto também.

Enquanto isso, Adão espera por ela, cheio de expectativa, pois até então nunca haviam ficado longe um do outro. Ele a aguarda com uma guirlanda de flores, e sai ao encontro dela. Quando se encontram, ela lhe conta tudo o que acontecera, e ele fica horrorizado, pois tem plena consciência de que nada voltará a ser como era antes. Toda a criação está condenada. O Adão miltoniano, então, toma a decisão de seguir a esposa em seu pecado, não por ter sido enganado por ela, mas por não tolerar a ideia de continuar vivendo se ela morrer. Seja qual for a consequência do pecado para Eva, ele quer sofrê-la junto com ela.

Assim que Adão come o fruto, o casal é tomado pela luxúria, e experimenta sensações carnis num nível desconhecido até então, embora tivessem consumado sua união física anteriormente. Entretanto, quando se deixam vencer pelo sono, este não lhes traz descanso. Quando acordam, experimentam vergonha, culpa, confusão e terror, finalmente compreendendo que junto com sua inocência também se foram a paz e a liberdade.

O que segue é uma discussão furiosa entre os dois, ele acusando-a de ter se distanciado, ela culpando-o por não ter usado sua autoridade para impedi-la... E segundo as últimas linhas do Canto IX, a disputa se estende por um longo tempo.

No Canto X os guardiões do Paraíso voltam ao Céu e não sofrem nenhuma acusação, pois estaria fora de seu poder impedir a entrada de Satã, a tentação e a queda. Deus envia seu Filho para julgar o casal e a serpente, e ao sentir sua proximidade, Adão e Eva se escondem. Já conscientes de sua nudez, estão cobertos por folhas. O Filho chama por Adão, que até então tinha prazer em suas visitas:

*Adão, onde é que estás? Pronto e contente  
Avistavas-me ao longe... e a mim tu vinhas:*

*Menos aqui achar-te me desgosta.<sup>45</sup>*

Adão e Eva aparecem em todo seu desconforto, pecado e culpa.

*[...] Ele vem, e Eva com ele  
Mais atrás (posto adiante estar na culpa),  
Ambos confusos, perturbados ambos.  
O amor nos olhos deles não reside,  
Nem para com seu Deus, nem um pelo outro;  
Mas sim vergonha, desespero, crimes,  
Malícia, obstinações, furores, ódios!<sup>46</sup>*

O Filho os confronta, e então pronuncia sua sentença: a mulher terá dores e aflições para procriar, o homem terá que suar para sustentar a si e aos seus, a terra produzirá espinhos e sujeitará o homem a um trabalho exaustivo. Já a serpente é condenada a arrastar-se sobre sua barriga, e a, no futuro, ser ferida na cabeça pela prole da mulher. Aqui Milton escancara o que chamamos de proto-evangelho, o vislumbre de redenção dado por Deus ao primeiro casal no momento exato de sua condenação:

*“És, pelo que fizeste, amaldiçoada  
Entre os animais todos, ó serpente:  
Sempre de bruços andarás a rojo  
E terra comerás enquanto vivas.  
Uma de outra serão sempre contrárias  
Tu e a mulher, também de ambas os filhos:  
Prole sua a cabeça há de pisar-te  
E tu procurarás o pé morder-lhe.”  
Assim por este oráculo se exprime  
Que se cumpriu em ulteriores tempos,  
Quando Jesus, o Filho de Maria  
(Que Eva segunda foi), tendo avistado  
Satã, príncipe do ar, cair do Empíreo,  
Se ergueu da sepultura e, despojando  
Os principados e poderes do Orco,  
Subindo aos Céus em ascensão brilhante,  
Levando pelos ares espaçosos  
Cativo o cativo e o próprio império  
Que arrebatado por Satã lhe fora,  
Em plena pompa triunfou ilustre:  
Ele, que assim lhe vaticina o estrago,  
Há de em prazo oportuno permitir-nos*

---

<sup>45</sup> MILTON, 2006, p. 361s (PL X.103s).

<sup>46</sup> MILTON, 2006, p. 362 (PL X.109-114).

*Que sob os nossos pés o conculquemos.*<sup>47</sup>

Após o Filho de Deus ter pronunciado a sentença a cada um dos envolvidos no evento da queda, cobre a nudez do casal envergonhado com peles de animais e retorna ao Céu. Nesse meio tempo, Satã já deixou o Paraíso. De volta a Pandemônio, conta suas vitórias aos outros demônios, mas em vez de aplausos, os únicos sons que ouve são os de serpentes sibilantes.

No lugar que outrora fora o Paraíso, Adão lamenta sua condição, e Eva tenta consolá-lo. Quando ele se acalma, a esposa propõe que eles não tenham filhos, para não perpetuarem a condenação que eles sofreram. Adão, entretanto, relembra as palavras do Filho e as promessas de redenção por ele feitas.

De volta ao Céu, o Filho advoga em favor de Adão e Eva, o que Milton desenvolve no Canto XI. Deus, embora aceite o arrependimento de suas criaturas, afirma que o casal deve ser expulso, e para essa missão envia o anjo Miguel.

Miguel, no restante do Canto XI e pelo Canto XII mostra a Adão o futuro, do alto de uma colina, passando pelo dilúvio, pelo patriarca Abraão, até chegar ao nascimento, morte e ressurreição de Jesus. Segue ainda com a história do Cristianismo e finalmente a segunda vinda de Cristo.

Adão é consolado. Ele compreende que o Paraíso está perdido, mas reconhece a misericórdia de Deus para consigo e sua esposa. Adão e Eva deixam o Jardim do Éden, olhando para o futuro no qual todas as promessas de Deus serão cumpridas.

## 5 PARAÍSO PERDIDO E A TEOLOGIA MILTONIANA

### 5.1 Paraíso Perdido e a liberdade dos ingleses

Paraíso Perdido pode parecer, em alguns aspectos, uma analogia política. O autor Jarrod Brown explora, nesse sentido, o fato de que o Filho de Deus, no texto miltoniano, não compõe a Trindade, mas é a excelência da Criação, e também seu governante. Segundo ele, Milton pode ter optado por ignorar a doutrina da Trindade para mostrar a discrepância entre o Reino dos Céus e os reinos da terra, demonstrando como as sociedades humanas estão distantes da

<sup>47</sup> MILTON, 2006, p. 364-365 (*PL X.175-190*).

perfeição do Céu. Deus, é o Rei Supremo, e nada pode se comparar a ele. Já o Filho é alguém que conquista seu espaço nos planos de Deus por mérito. Ele é o Escolhido, mas mereceu esse lugar. Ele usa sua liberdade para se dispor a ser o redentor da humanidade. E é o Filho, não o Pai, que trata diretamente com os seres humanos<sup>48</sup>. É ele que se faz humano e se sacrifica. É ele que traz a graça de Deus para dentro do mundo decaído. Ele é o maior na hierarquia, depois do Pai, e um exemplo de governante que estende sua mão para dar esperança e oportunidade de um novo começo à criatura que usou mal sua liberdade e caiu<sup>49</sup>.

Carlos I não havia sido um rei nos modelos divinos. Cromwell também acabou por se tornar um tirano. Para Brown, toda a construção do personagem Filho em Paraíso Perdido (que Milton começou a escrever após a morte de Cromwell e um pouco antes da restauração da monarquia) parece querer demonstrar que, num sistema que requer algum tipo de autoridade e hierarquia, poderia haver um governante que tomasse decisões acertadas e que estivesse disposto ao sacrifício pelos seus subordinados<sup>50</sup>.

Satã, no poema, é o oposto do Filho. Brown salienta que o líder dos anjos caídos também parece ter conquistado sua posição no Céu, antes de sua queda, por mérito. Já no Inferno, ele é o mais poderoso, mais forte e mais sagaz. Além disso, é Satã que se oferece para estar na linha de frente na batalha entre os anjos caídos e os anjos de Deus, e é ele quem abraça a missão de invadir a criação de Deus para pô-la em perigo. Ele é o único que merece crédito, e com isso ele se sobrepõe a todos os outros, com o intuito de ser seu soberano e, quem sabe, tornar-se ele mesmo um tirano, pois admite que

*Reinar no Inferno preferir nos cumprir  
À vileza de ser no Céu escravos.<sup>51</sup>*

Aparentemente, embora sua rebeldia contra Deus tenha sido em oposição à sua suposta tirania, Satã quer estar na posição de ser governador absoluto e, quem sabe, tirano também. Sua meritocracia o coloca num lugar onde

---

<sup>48</sup> BROWN, Jarrod. **Milton's *Paradise Lost*, and the question of kingship**, p. 12. Disponível em: <http://ashbrook.org/wp-content/uploads/2013/05/Brown-Printable.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2015.

<sup>49</sup> BROWN, p. 14s.

<sup>50</sup> BROWN, p. 15s.

<sup>51</sup> MILTON, 2006, p. 34 (*PL I.263*).

ninguém pode se sobressair a ele, e isso lhe garante todo o poder no Inferno<sup>52</sup>.

Milton contrapõe, assim, o Filho que se utiliza de sua grandeza para se oferecer em sacrifício, e o líder dos anjos caídos, que usa sua autoridade para notabilizar-se entre seus pares. Tipos de autoridade diferentes, que trazem consequências diferentes para aqueles que estão sob seu poder. Milton talvez tivesse chegado à conclusão de que a sociedade humana não consegue viver em total liberdade, mas que o tipo de autoridade sobre ela exercida faz toda a diferença. No poema, não há Liberdade sob a tirania de Satã. Entretanto, há esperança e perdão sob a liderança do Filho que voluntariamente se sacrifica.

## 5.2 A liberdade sob o ponto de vista de Satã

Os dois primeiros Cantos de Paraíso Perdido são dedicados a Satã. Neles Milton dá voz ao que fora o maior de todos os anjos de Deus, agora exilado aos horrores do Inferno com seus companheiros de rebelião. Satã utiliza sua bem articulada retórica para culpar a Deus pela sua desgraça e questiona a justiça de seu Criador, sugerindo que sua punição se deve ao poder tirânico de Deus.

O motivo para a expulsão de Satã do Céu está já nas primeiras linhas do poema, logo após à invocação à musa. Milton pergunta à sua musa quem teria provocado os pais da humanidade a apostatarem de Deus. E é ali que ele apresenta Satã e seu pecado: o desejo de ser igual ao Eterno.

*O Dragão infernal. Com torpe engano,  
Por inveja e vinganças instigado,  
Ele iludiu a mãe da humana prole,  
Lá depois que seu ímpeto soberbo  
O expulsara dos Céus coa imensa turba  
Dos rebelados anjos, seus consócios.  
Confiado num exército tamanho,  
Aspirando no Empíreo a ter assento  
De seus iguais acima, destinara  
Ombrear com Deus, se Deus se lhe opusesse,  
E com tal ambição, com tal insânia,  
Do Onipotente contra o Império e trono  
Fez audaz e ímpio guerra, deu batalhas.  
Mas da altura da abóbada celeste  
Deus, coa mão cheia de fulmineos dardos,  
O arrojou de cabeça ao fundo Abismo,  
Mar lúgubre de ruínas insondável,*

<sup>52</sup> BROWN, p. 16.

*A fim que atormentado ali vivesse  
Com grilhões de diamante e intenso fogo  
O que ousou desafiar em campo o Eterno.*<sup>53</sup>

De acordo com Benjamin Myers, a primeira teologia ou conhecimento a respeito de Deus em Paraíso Perdido vem de Satã, assim como na Bíblia a serpente é a primeira a falar de Deus<sup>54</sup>. É a opinião de Satã a respeito de Deus que o leitor recebe primeiro. Nos dois primeiros Cantos, Satã apresenta ao público sua visão daquele que Milton sente que precisa justificar, e não é difícil para o leitor solidarizar-se com suas agruras<sup>55</sup>.

Myers compara o discurso de Satã sobre Deus e a compreensão calvinista sobre os poderes do Todo-Poderoso. Para ele, a teologia de Satã seria uma paródia exagerada do Calvinismo, em que Deus aparece como tirano eticamente arbitrário cujo poder absoluto se sobrepõe à sua bondade e à liberdade de suas criaturas<sup>56</sup>. Calvino certamente não se referiu a Deus como tirano ou torturador, mas há em seus ensinamentos a crença na impossibilidade do livre arbítrio da criatura, e na supremacia da predestinação divina. Não se pode saber se Milton tinha tal paralelo em mente ao dar voz ao personagem.

O já mencionado lapso de arrependimento que Satã tem no Canto IV é de suma importância, em contraponto ao seu discurso rebelde. Milton coloca na boca de Satã o reconhecimento de que há como ser verdadeiramente livre longe daquele por quem ele fora criado, e a quem ele seria eternamente devedor. Talvez nesse momento Satã se dê conta de que a liberdade pela qual ele lutara e que lhe custara muito caro, era uma liberdade falsa, mas mesmo assim decide fechar seu coração e não se rende. Prefere ser ele aquele que se sobreleva a outros, mesmo que seja no Inferno, e mesmo que essa atitude seja exatamente aquela contra a qual ele anteriormente se rebelara.

---

<sup>53</sup> MILTON, 2006, p. 24 (PL I.34-49).

<sup>54</sup> Myers menciona Barth, que afirma que a serpente do jardim foi a primeira teóloga, pois foi a primeira a falar de Deus e a interpretar Suas palavras. Cf. MYERS, 2006, p. 98.

<sup>55</sup> MYERS, 2006, p. 96-98. Nas duas páginas seguintes de seu estudo, Myers afirma que Satã não é apenas o primeiro teólogo, mas também o primeiro herege, pois apresenta um retrato deturpado de Deus.

<sup>56</sup> MYERS, 2006, p. 102.

### 5.3 A liberdade sob o ponto de vista de Deus e seu Filho

É no terceiro Canto que Milton dá voz a Deus. É válido lembrar aqui que, em Paraíso Perdido, a liberdade é, em primeiro lugar, prerrogativa de Deus. Ele sim, é uma entidade totalmente livre. Todas as suas ações são resultado de sua vontade, e a partir dela ele cria anjos, o mundo, os seres humanos. Entretanto, Milton tem todo um cuidado para garantir que o leitor entenda que Deus age livremente, mas não provoca as ações de suas criaturas. Pelo contrário, ele lhes dá o livre arbítrio. O momento em que Deus e seu Filho observam a aproximação de Satã da terra, anteriormente mencionado, é exemplo disso. O Deus miltoniano não vê sentido em uma obediência passiva, não consequente de amor e gratidão.

Assim sendo, Deus permite a rebeldia e a queda e sua consequência trágica. Entretanto, mesmo não impedindo os acontecimentos, em respeito às escolhas de suas criaturas, ele imediatamente providencia recurso. No Canto III, Deus e seu Filho já deliberam sobre a solução que dariam a um problema que ainda não tinha de fato ocorrido. Deus diz:

*Os anjos, que a si mesmos se impeliram  
Para a depravação, votados se acham  
A irremissível punição eterna:  
O homem, que sendo deles iludido  
Pecou, refúgio em minha graça encontra.  
A justiça e bondade no orbe e Empíreo  
Assim hão de exaltar a minha glória;  
Mas no princípio e fim sempre a bondade  
Ver-se-á em mim brilhar mais refulgente.<sup>57</sup>*

A presciência de Deus a respeito da queda e sua intenção primeira de perdoar o homem e a mulher é a base da doutrina da predestinação dos calvinistas e puritanos. Apesar desses dois aspectos estarem presentes em Paraíso Perdido, Milton contradiz esse dogma, aproximando-se mais da eleição universal, a disponibilidade da graça de Deus para todas as pessoas. Ainda nas palavras do personagem Deus,

*O homem de todo não será perdido:*

<sup>57</sup> MILTON, 2006, p. 115 (*PL III.129-134*). Aparentemente, Deus faz diferença entre a queda dos anjos e dos seres humanos. Os anjos caíram como consequência de pura rebeldia. Satã chega a ter a chance de se arrepender e não o faz. Adão e Eva, entretanto, são tentados e enganados e, portanto encontrarão refúgio na graça.

*Há de salvar-se quem contrito o intente; —  
Porém não bastam diligências próprias:  
A graça minha, livremente dada,  
Será da salvação primeiro móvel.<sup>58</sup>*

No seguimento do poema, o personagem Deus dá a entender que elegeu alguns para uma graça especial (talvez para se destacarem dentre os outros com grandes realizações, como profetas, apóstolos e mártires), e o resto deve ouvir a sua voz e responder a ela, em aceitação ou rejeição.

*Tenho escolhido alguns dentre os humanos,  
Para de graça especial muni-los:  
Assim me apraz; ao resto ouvir incumbe  
A minha voz atento que incessante  
As suas culpas lhes porá patentes,  
Para que a tempo sossegar procurem  
Da minha divindade as justas iras,  
Da graça enquanto lhes franqueio as fontes.  
Dest' arte quero a mente iluminar-lhes  
E o férreo coração embrandecer-lhes:  
Se a mim erguerem preces fervorosas,  
Se me prestarem obediência humildes  
E com pura intenção se arrependerem,  
Nem surdos hão de achar os meus ouvidos,  
Nem os meus olhos hão de ver fechados.  
Dentro da alma hei de pôr-lhes a consciência,  
Guia infalível, árbitro divino:  
Se puros lhe seguirem os ditames,  
Usando bem de sua luz primeira,  
Terão logo de luz ondas sobre ondas, —  
E, persistindo assim, hão de salvar-se.  
Mas quem zombar da tolerância minha,  
O meu dia de graça desprezando,  
Nunca mais há de obtê-la; e sem remédio  
Sua dureza se fará mais dura,  
Sua cegueira se fará mais cega.  
Seus tropeços serão quedas profundas;  
Tem de abismá-lo a perdição eterna.<sup>59</sup>*

Nesse ponto Milton parece se afastar mais de Calvino e se aproximar da compreensão luterana de predestinação, de que as pessoas são predestinadas para a salvação, estendida pela misericórdia de Deus para toda a humanidade. Não parece concordar com a premissa de que Deus haveria previamente determinado

---

<sup>58</sup> MILTON, 2006, p. 117 (PL III.173-175).

<sup>59</sup> MILTON, 2006, p. 117s (PL III, 183-202).

quem se perderia. E também não deixa entender que há poder no ser humano para superar o pecado e voltar-se a Deus, mas sim, o próprio Deus é quem “embrandece o férreo coração”. O homem e a mulher dependem apenas da benevolência de Deus.

Mas a benevolência de Deus vem casada com sua justiça, e na continuidade do Canto, Deus afirma que a punição para o crime que os seres humanos estariam prestes a praticar seria a morte, e desafia suas criaturas divinas perguntando quem poderia ser o veículo dessa graça. É aí que o Filho, já presente e ativo na criação, torna-se presente e ativo na redenção, oferecendo-se livremente para se sacrificar em favor das criaturas humanas.

*Eis-me a mim pois: — e, pela dele, toma  
A minha vida; em mim teu furor ceva;  
Vinga-te em mim, como o fizeras no homem.  
Por amor dele, e de meu livre impulso,  
Deixo teu grêmio, desta glória saio,  
E até por fim me sacrifico à Morte.<sup>60</sup>*

Se até aqui poderia haver alguma dúvida sobre a livre vontade de Deus de garantir a libertação das pessoas do pecado, da morte e da condenação, o Filho descarta-a de uma vez por todas, usando o seu livre impulso para escolher deixar a glória divina e sacrificar-se em favor do ser humano.

#### 5.4 A liberdade sob o ponto de vista do anjo Rafael

Como foi mencionado acima, o anjo Rafael visita Adão e Eva para lhes alertar quanto à presença de Satã no Jardim, na mesma manhã em que Eva acorda chorando por causa de um sonho ruim, provocado pelos cochichos do tentador no seu ouvido. Adão imagina que tal perturbação seria proveniente do mal, mas nenhum dos dois pode saber quem ou o que seria. Rafael, então, tem a missão de explicar os perigos que o homem e a mulher correm, e a necessidade de permanecerem fieis e obedientes a Deus. Adão fica chocado quando descobre a mera possibilidade da desobediência:

*— Se obedientes à lei vos conservardes? —  
Nós desobedecer também podemos?*

<sup>60</sup> MILTON, 2006, p. 119s (PL III, 236-241). O poema segue com as afirmações do Filho de que a morte não o dominará por muito tempo, mas que ele será vitorioso e se levantará.

*Negar devido amor é-nos possível  
Aquele que nos fez do pó da terra  
E neste Éden nos pôs onde gozamos  
A mor ventura que entender é dado  
A fantasia do desejo humano?<sup>61</sup>*

Então Rafael apresenta a Adão o dom da liberdade, do qual ele não tomara consciência até então, uma liberdade que, se mal usada, pode custar a felicidade paradisíaca, como acontecera com os anjos rebeldes.

Filho do Céu e Terra (o anjo responde),  
És devedor a Deus da tua dita;  
Mas de ti pende a permanência dela:  
Grava bem na atenção isto que escutas.  
Tua obediência cauteloso guarda:  
Nela a caução da tua dita é posta.  
Deus criou-te perfeito em tua espécie;  
Mas imutável, não. Deu-te bondade,  
Mas conservá-la pôs em teu arbítrio.  
Fez-te livre; a vontade não tens presa  
Ao fado imoto, à precisão restrita.  
Deus quer de nós serviços voluntários:  
Nele os obrigatórios nunca encontram  
Benigna aceitação, honroso prêmio.  
E como podem corações não livres  
Provar que servem por vontade ou força,  
Eles... cujo querer segue o do fado  
E não lhe é dado ter diversa escolha?  
Mesmo a dita que temos nós os anjos,  
Que estamos juntos ao empíreo trono,  
Tem, como a vossa, de durar somente  
Enquanto na obediência persistirmos.  
Sem obediência a dita se evapora.  
Livres servimos porque amamos livres;  
Podemos não amar, e amar podemos;  
Se amamos, nossa dita continua;  
Desgraça temos, se de amar deixamos.  
Pela desobediência alguns caíram  
Das alturas do Céu no Orco profundo:  
Queda fatal, que de eternas delícias  
Para sempre os lançou em crus tormentos!<sup>62</sup>

Esse discurso de Rafael é uma espécie de resumo do que o próprio personagem Deus afirma no Canto III: as criaturas são livres para responder ao

---

<sup>61</sup> MILTON, 2006, p. 207 (*PL V, 512-518*).

<sup>62</sup> MILTON, 2006, p. 207s (*PL V, 519-543*).

amor de Deus, e não são obrigadas a obedecer. Entretanto, a escolha errada lhes custará liberdade e felicidade.

Livre para obedecer. É aqui que a contradição aparece, na Teologia e, por meio de Milton, na Literatura, que aqui parece fazer eco à confissão de Agostinho de que o ser humano é criado por Deus, e que seu coração só encontra descanso em seu Criador. Satã, no Canto IV admitira que era devedor a Deus pela sua própria existência, e que junto a Deus ele havia experimentado uma existência de sentido.<sup>63</sup>

O recado de Rafael é claro: há liberdade para obedecer. Há liberdade para a criatura aceitar sua condição alegremente, com base no amor e na justiça que encontra no Criador. A dúvida gera a rebelião, a distância do Criador, a falta de sentido e, portanto, a infelicidade.

### 5.5 Enfim, liberdade

Satã duvidou da bondade de Deus, e plantou essa mesma dúvida no coração de Eva. O Adão miltoniano também duvidou, pois não confiou que Deus poderia prover para que ele se sentisse completo novamente, mesmo que perdesse Eva. A dúvida trouxe desobediência, e a desobediência produziu a queda e o castigo.

No Canto III é apresentada a impossibilidade do retorno da criatura caída ao Criador. Mesmo assim, ela é convidada a aceitar a graça de Deus, o que se realiza na liberdade que o Filho tem para dar sua vida em lugar do condenado, em sacrifício redentor. Milton parece crer que o principal aspecto da liberdade que poderia ser concedida às pessoas após a queda é a escolha entre aceitar ou não a graça que vem da liberdade sacrificial do Filho.

---

<sup>63</sup> O discurso de Rafael segue, no Canto V, apresentando um outro anjo, chamado Abdiel, que por ocasião da rebelião de Satã e seus companheiros, teria questionado o líder rebelde e tentado trazê-lo de volta à razão, alertando-o de que ao rejeitar a Deus ele estaria rejeitando sua própria vida. Abdiel questiona por que Satã, como criatura, quer se colocar no lugar do Criador e lutar com ele ombro a ombro, e não aceita o lugar para o qual ele fora criado. Abdiel arrazoa ainda com Satã a respeito do Filho, de quem Satã tem uma inveja mortal, dizendo que o Filho é inevitavelmente o primeiro na hierarquia dos seres criados, visto que foi por meio dele que o Pai criou todas as coisas. Abdiel chama Satã a reconhecer novamente que Deus é essencialmente bom, e por isso merece confiança e obediência, e o chama também ao arrependimento, a desistir de sua revolta e a buscar perdão junto a Deus.

Nesse ponto, Milton se desvia um pouco de Calvino e Lutero. Calvino cria na predestinação absoluta; Lutero, na predestinação para a salvação, mas o livre arbítrio não fazia parte de sua teologia, como o próprio título de sua obra, *De Servo Arbitrio* deixa entender. Para Lutero, apenas o Espírito de Deus pode resgatar o ser humano de sua condição de criatura caída. Milton parece, nessa questão, aproximar-se mais de Armínio, teólogo holandês que viveu na segunda metade do século dezesseis. Ele cria que “suficiente graça é concedida para cada um nesse mundo caído de forma que todos podem escolher aceitar a oferta da salvação ou não”<sup>64</sup>.

Entretanto, as ideias de Lutero parecem permear as páginas de *Paraíso Perdido* pela importância que a obediência demonstra ter no poema. Lutero crê que aquele que é conquistado por Deus e aceita a graça pela fé é livre para obedecer. No Tratado das Boas Obras, Lutero afirma que o cristão agraciado é livre para servir a Deus e a seu próximo, uma vez que não precisa se preocupar com sua salvação. Para o pecador redimido há liberdade para servir, obedecer e apreciar a realização que vem de um relacionamento verdadeiro entre criatura e Criador, aquele em Quem o coração humano pode encontrar descanso.

Os dois Cantos finais de *Paraíso Perdido* sugerem que há ainda mais um tipo de liberdade: a de viver da esperança, de corajosamente enfrentar as consequências do pecado enquanto se mantém o olhar nas promessas da completa regeneração. Adão e Eva deixam o Jardim de mãos dadas, com todo o seu futuro pela frente, futuro ao longo do qual, como o anjo Miguel lhes mostrara, haveria marcas da queda até o glorioso dia em que a relação entre a terra e o Céu seria restaurada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de Milton com *Paraíso Perdido* era a de justificar o proceder do Eterno. Se ele foi bem-sucedido ou não, depende dos olhos do leitor. Embora acolher o proceder divino no coração seja um ato de fé, Milton procura convencer o leitor pela lógica, e sua tentativa é no mínimo fascinante.

No entanto, parece que ele aproveita a oportunidade para justificar

---

<sup>64</sup> DANIELSON, 1982, p. 165. Tradução livre.

muitas outras coisas que talvez não teriam sido demonstradas tão eloquentemente numa roda de conversa com os teólogos que mais o influenciaram. Apesar de ser um Puritano que abraçara o partido dos Cabeças Redondas num momento crucial da história da Inglaterra, e mesmo tendo lido exaustivamente a Bíblia e os escritos dos Pais da Igreja e dos Reformadores, Milton parece se dar o direito, por meio de sua literatura (é isso que o poema é, em primeira e última instância, uma obra literária, que por acaso faz uso de temas centrais da teologia), de expor suas próprias ideias, concordar e discordar à vontade dos teólogos que o precederam, correndo até mesmo o risco de ser um pouco herético, com o intuito de fazer as pessoas pensarem.

Parece plausível concluir que Milton era Puritano em sua atividade política, mas não em suas crenças religiosas. Ele discorda de Calvino nas questões dogmáticas fundamentais do livre arbítrio e da predestinação. Ele não apenas discorda, mas reitera insistentemente, por meio de várias vozes, que para ele a bondade de Deus não lhe permitiria jogar com o destino das pessoas ou com sua fé, que a benevolência de Deus vai muito além do que qualquer rebelião, e de que certamente há esperança para aqueles que se apegam ao seu amor.

Milton parece se identificar com a doutrina luterana especialmente no que diz respeito à predestinação para a salvação, ao desejo de Deus de que todos sejam salvos. Mas quando o assunto é livre arbítrio para a salvação ou condenação, ele parece estar mais próximo a Jacó Armínio, que cria que o Criador deixou uma pequena dose de liberdade de escolha em cada ser humano para aceitar ou rejeitar a salvação sem a interferência de ninguém, nem mesmo do Espírito de Deus. O lugar onde Lutero e Milton parecem se encontrar perfeitamente, no entanto, é no seu entendimento de liberdade.

O conceito de liberdade que Milton desenvolve ao longo de *Paraíso Perdido* começa na egocêntrica busca de Satã pela liberdade que ele acreditava ser sua por direito, a de não estar abaixo de ninguém. Há ainda a liberdade que é fruto da inocência e da sujeição humilde da criatura a Deus, o Criador, a liberdade que pode ser perdida. E por fim, a liberdade de se destituir de si mesmo em sacrifício de outros, explorada por Milton na figura do Filho, cujas atitudes parecem demonstrar o que um verdadeiro governante deveria ser pra garantir a liberdade aos seus governados. E por fim, a liberdade de obedecer.

Embora aqui Milton faça eco a Lutero, ele reforça também a ideia de Agostinho de que não há sentido na criatura longe do Criador. Milton alude a

isso várias vezes, e no fim do poema, é sob a proteção de Deus que Adão e Eva deixam o Jardim. De mãos dadas, eles vão embora, não libertos da perda de sua inocência, mas livres para um novo começo numa vida de agruras, sim, mas com seus olhos fixos na promessa de que a liberdade seria concreta no dia da redenção final, quando eles seriam definitivamente unidos ao seu Criador, aquele que mais de onze mil versos antes parecera precisar ser justificado.

## REFERÊNCIAS

- AUGUSTINE. **City of God**. Editado por Philip Schaff. Disponível em: [http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893,\\_Schaff,\\_Philip,\\_2\\_Vol\\_02\\_The\\_City\\_Of\\_God\\_Christian\\_Doctrine,\\_EN.pdf](http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/1819-1893,_Schaff,_Philip,_2_Vol_02_The_City_Of_God_Christian_Doctrine,_EN.pdf). Acesso em: 24 maio 2015.
- BLAKE, William. **Matrimônio do céu e do inferno**. São Paulo: Madras, 2004. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-matrimonio-do-ceu-e-do-inferno-william-blake-em-pdf-epub-e-mobi/>. Acesso em: 06 maio 2019.
- BROWN, Jarrod. **Milton's Paradise Lost, and the question of kingship**. Disponível em: <http://ashbrook.org/wp-content/uploads/2013/05/Brown-Printable.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2015.
- BURGESS, Anthony. **English Literature: a survey for students**. Essex: Longman, 1986.
- CAIRNS, Earle. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. São Paulo: Vida Nova, 1995. 2.ed. Trad. Israel Belo de Azevedo.
- CALVIN, John. **The Institutes of the Christian Religion**. Disponível em: <http://www.ccel.org/ccel/calvin/institutes.pdf>. Acesso em: 19 maio 2015.
- Catholic Encyclopedia**. Disponível em: <http://www.newadvent.org/cathen/06001a.htm#C>. Acesso em 27 mai. 2015.
- CHURCHIL, Winston S. **A history of the English speaking peoples**. V.2. The New World. London: Cassel and Company, 1956.
- DANIELSON, Dennis Richard. **Milton's good God: a study in literary theodicy**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HEASTER, Duncan. **The real Devil: a biblical exploration**. Edição online: 2012. Disponível em: <http://www.realdevil.info/rd.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2015.
- JAMESON, Storm. **The decline of marry England**. London: Cassel and Company, 1939.
- JOKINEN, Anniina. Life of John Milton. In: **Luminarium**. 21 June 2006. Disponível em: <http://www.luminarium.org/sevenlit/milton/miltonbio.htm>. Acesso em: 25 maio 2015.
- LEWIS, C. S. **A preface to Paradise Lost**. London: Oxford University Press, 1969.
- LUTHER, Martin. **A treatise on good works**. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/418/418-h/418-h.htm>. Acesso em: 02 maio 2015.
- LUTHER, Martin. **The bondage of the will**. Traduzido por Philip S. Watson. Disponível em: <https://www.lutheransonline.com/lo/671/FSLO-1344356671-111671.pdf>. Acesso em: 02 maio 2015.
- MILTON, John. **Paradise Lost**. Mineola: Dover, 2005.
- MILTON, John. **Paraíso Perdido**. São Paulo: Martin Claret, 2006. Trad. Antônio José Lima Leitão.
- MYERS, Benjamin. **Prevenient Grace and Conversion in Paradise Lost**. In: *Milton Quarterly, Oxford*, v. 40, n. 1, mar. 2006. p.20-36. Disponível em: <https://onlinelibrary>.

- wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1094-348X.2006.00116.x. Acesso em: 05 maio 2015.
- ROBERTSON, A. H. Prefácio. In: MILTON, John. **Paraíso Perdido**. São Paulo: Martin Claret, 2006. Trad. Antônio José Lima Leitão.
- SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.
- THOMAS, Henry; THOMAS, Dana Lee. Perfil Biográfico. In: MILTON, John. **Paraíso Perdido**. São Paulo: Martin Claret, 2006. Trad. Antônio José Lima Leitão.
- WITTE, John Jr. Prophets, priests and kings: John Milton and the reformation of rights and liberties in England. In: **Emory Law Journal**, v.57 (2008): p.1527-1604. Atlanta. Disponível em: [http://cslr.law.emory.edu/fileadmin/media/PDFs/Journal\\_Articles\\_and\\_Book\\_Chapters/57.6.ELJ.Witte.Prophets\\_Priests\\_Kings\\_Milton.pdf](http://cslr.law.emory.edu/fileadmin/media/PDFs/Journal_Articles_and_Book_Chapters/57.6.ELJ.Witte.Prophets_Priests_Kings_Milton.pdf). Acesso em: 06 jun. 2015.
- ZUKERMAN; LUXON. **Answerable Style**: The Genre of *Paradise Lost*. [s.a.]. Disponível em: [https://www.dartmouth.edu/~milton/reading\\_room/pl/intro/text.shtml](https://www.dartmouth.edu/~milton/reading_room/pl/intro/text.shtml). Acesso em: 16 jun. 2015.